

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE ARTES VISUAIS

**WALDO FERREIRA DA SILVA NETO**

UBERLÂNDIA

2021

WALDO FERREIRA DA SILVA NETO

PWRBIXA: CORPOS HOMO-AFETIVO-ERÓTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais como requisito parcial para obtenção de grau Licenciatura e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Clarissa Monteiro Borges

UBERLÂNDIA

2021

## **Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges

Professora orientadora / avaliadora

---

Prof. Dr. Marco Antônio Ramos Vieira

Professor avaliador

---

Prof.Dr. Marcel Alexandre Limp Eperante

Professor avaliador



## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### 1. IMERSÃO NO CAMPO HOMOERÓTICO

##### 1.1 Desenho Erótico

##### 1.2 Semi(NU) Olhar fotográfico sobre o corpo masculino

##### 1.3 O corpo masculino em imagens impressas

#### 2 Imagens e Imaginários : Erotismo, Pornografia , Obscenidade

##### 2.1. Stonehall, o underground acolhendo a liberdade de expressão

#### 3 Instalação: PWR BIXA : CORPOS ERÓTICOS

##### 3.1 O espaço e seu diálogo com os sujeitos

##### 3.2 Montando PWR BIXA

#### 4. Considerações Finais

#### 5 Bibliografia

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o meu percurso na investigação do corpo do homem e suas relações com outros corpos masculinos nas imagens e trabalhos desenvolvidos no Curso de Artes Visuais, em formato de memorial. Em disciplinas como os Ateliês, e disciplinas práticas desenvolvi investigações visuais com este assunto na qual resultou no trabalho elaborado para o TCC. Meu projeto se chama PWRBIXA: CORPOS HOMO-AFETIVO-ERÓTICOS e, por meio dele, busco representar a sexualidade masculina homoerótica a partir de desenhos colagens e gravuras de minha autoria. A ideia do projeto para este TCC surgiu durante as aulas da disciplina Estudos Avançados, cursada no segundo semestre por mim durante o ano de 2018; nas muitas reflexões a partir disso, procurei desenvolver essa temática em outras disciplinas, desenvolvendo trabalhos voltados a debates que me permeiam a comunidade LGBTQ+.

Dividi esse trabalho em três capítulos, para dissertar sobre meus estudos enquanto aluno da graduação, minhas inspirações no contexto artístico e falar sobre a elaboração do meu próprio trabalho. No primeiro capítulo, falo sobre como me encontrei dentro do homoerótico, pensando nas discussões acadêmicas descrevo meu trajeto de graduando e dos projetos que elaborei dentro da Universidade Federal de Uberlândia. Também coloco minhas principais inspirações para a decisão de como trabalharia com minha exposição.

No segundo capítulo me dedico a falar diretamente sobre os estudos queer<sup>1</sup>, principalmente àqueles voltados a pornografia e ao nu explícito, pensando em como o erotismo influencia nossa vida. Também coloco em pauta a discussão sobre a luta por direitos da comunidade LGBTQIA+, percorrendo seus primeiros passos, uma luta iniciada por mulheres negras transexuais.

Para finalizar, no terceiro capítulo, coloco o passo-a-passo de como a exposição PWRBIXA foi fisicamente construída, abordando a materialização de minhas ideias e o processo de criação dos trabalhos impressos e também do espaço físico, onde todos seriam exibidos. Durante todo esse percurso, mantenho sempre minhas referências para

---

<sup>1</sup> Em tradução literal, queer significa “estranho”, “peculiar” e, por volta de 1922, começou a ser usada como forma de insulto aos homossexuais, tornando-se algo como “boiola”, “viado”, “bicha”. A partir da década de 1980, entretanto, esses sujeitos marginalizados começaram a utilizar da palavra para se definir, uma definição de gênero não-binário, ressignificando a palavra para um caráter ativista. Informações retiradas de: <https://queer.ig.com.br/2020-12-17/o-que-e-queer-entenda-o-termo-que-da-nome-ao-novo-site-do-ig.html>

que o diálogo com outros artistas, o qual é fundamental, possa existir.

## 1 - IMERSÃO NO CAMPO HOMOERÓTICO

A sexualidade é explorada por diversos campos artísticos e está presente de maneiras cada vez mais diferentes, principalmente no meio digital. “(...) O erotismo, sua experiência interior e sua comunicação ligadas a elementos objetivos e à perspectiva histórica em que esses elementos aparecem para nós.” (BATAILLE, 2004, p. 48). A facilidade de publicação e divulgação, sem dúvidas, é uma grande aliada para o trabalho artístico, não só pela exibição, mas também pelo alcance obtido, conseguindo trazer uma nova visão a determinados aspectos culturais do meio.

A imagem do ato sexual, em si, é bastante controversa – seja na heterossexualidade ou não, logo meu principal objetivo com esse trabalho é normalizar o imaginário dessa sexualidade, de corpos tidos como impróprios que atravessam a moral e costume heteronormativo, de maneira que outros sujeitos dentro da comunidade LGBTQ+ possam se sentir representados e familiarizados com seus corpos e seus fetiches, percebendo que o desejo é parte de todos nós e pode ser aproveitado de maneiras que nos sentimos confortáveis. Foi com esse trabalho que passei a ter mais contato com outros artistas LGBTQ+, possibilitando a exploração da temática dentro de outras disciplinas e também o amadurecimento do PWRBIXA<sup>1</sup> – de certa forma, meu alter ego.

### 1.1- DESENHO ERÓTICO

Meu processo de criação sempre esteve ligado a linguagem do desenho, uma das grandes referências para mim no campo do desenho e erótico é o artista Tom of Finland (1920 - 1991) reconhecido por suas obras explícitas hiper masculinizadas, que abordam todo universo fetichista e de fantasia erótica gay. Segundo o website<sup>2</sup> da Galerie Judin, em Berlim, Touko (verdadeiro nome de Tom), revolucionou a maneira como os homens vivem a sua sexualidade, a partir da sua experiência íntima, onde se relacionou sexualmente com vários soldados durante sua participação na segunda guerra mundial.

---

<sup>1</sup> Criado durante meu período de graduação, PWRBIXA se tornou a representação de tudo o que me propus a trabalhar durante o curso, onde pude me expressar e encontrar na arte uma maneira de desenvolver trabalhos dentro e fora da universidade, fossem eles com algum retorno financeiro ou não.

<sup>2</sup> Disponível em: [Exhibition Tom of Finland - Galerie Judin | ART at Berlin](#)

Antes de Tom muitos outros artistas, juntamente com pornógrafos, revolucionaram a arte homoerótica. É importante frisar, como esse imaginário de imagens (desenho/fotografia) surgiu - como forma liberdade artística. De acordo com BELL (2015) na década de 1950, o governo dos EUA não via diferença entre publicações eróticas e fotografias pornográficas. Tudo era considerado ilegal e foram os artistas e pornógrafos que mudaram esse cenário. Eles conheciam as restrições legais bem o suficiente para saberem como burlá-las e tinham dinheiro para enfrentar discussões públicas sobre obscenidade (o que acontecia bastante, já que trocar material considerado pornográfico levava a prisão).

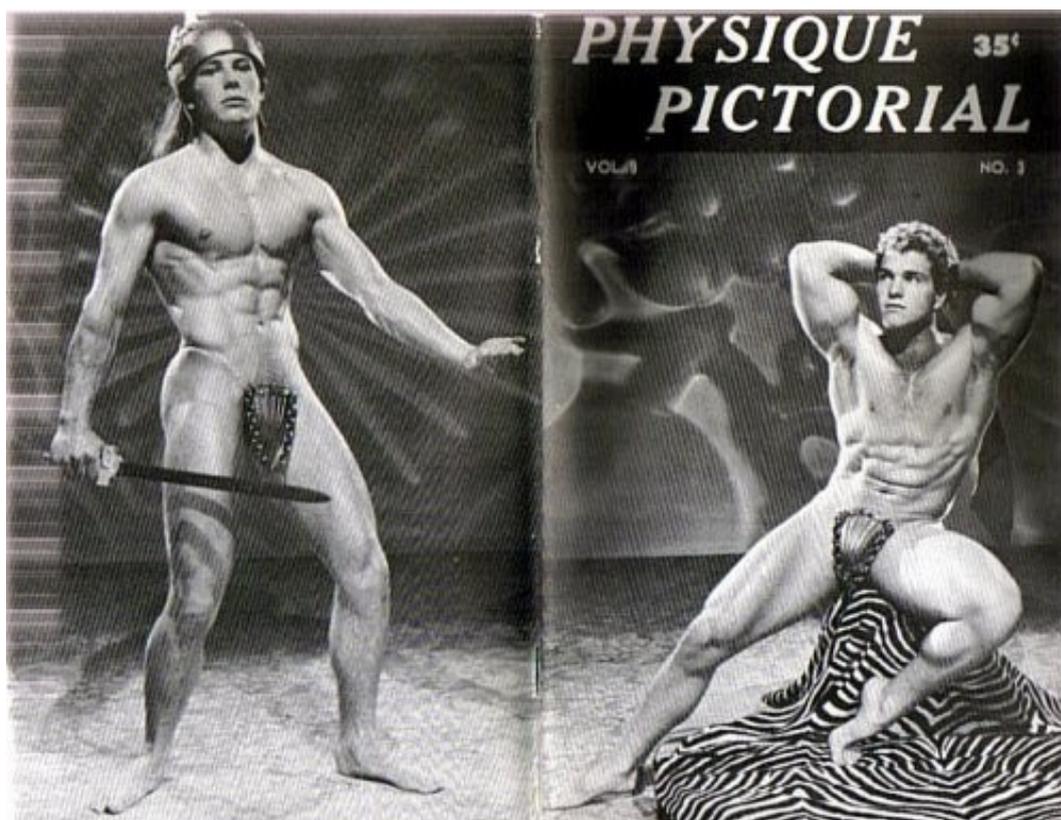
Em meio a toda repercussão judicial em torno de direito civis e confusões recorrentes, as organizações homofílicas tinham as suas publicações (a maioria com tiragem bem pequena) censuradas. Os pornógrafos então criaram as chamadas “revistas de pose”, dentre elas são *Physique Pictorial* e *Tomorrow's Man*. Para Mariana Baltar, em sua pesquisa sobre o pornô,

É preciso ressaltar que tal ênfase na noção de evidência visível corrobora um princípio caro ao projeto da modernidade: o vínculo quase atávico entre dar a ver (ou seja, a visibilidade) e a ideia de comprovação, fazendo desta um signo de verdade/ realidade. É real o que é visível, pois o que pode ser visto (sobretudo pelo olhar maquínico) pode ser experimentado, racionalizável, verificável. No contexto da contemporaneidade, de um modo mais adensado ainda, ser visível (em especial, dar-se a ver) é existir.<sup>3</sup>

Eles eram proibidos de consumir e possuir conteúdo pornográfico gay, então editores vendiam revistas com fotografia de corpos musculosos com pouca ou nenhuma roupa com a desculpa que elas serviam como referência a pintores ou desenhistas que queriam praticar o desenho da figura humana, mas não dispunham de modelos vivos.

---

<sup>3</sup> BALTAR, Mariana. Real sex, real lifes: excesso, desejo e as promessas do real. In.: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.3, set./dez. 2014.



Fotografia por BOB MIZER, 1960  
*PHYSIQUE PICTORIAL MAGAZINE, VOLUME 9 NO. 3*

Fonte: [//www.amazon.com/PHYSIQUE-PICTORIAL-MAGAZINE-NO/dp/B00281AD6K](http://www.amazon.com/PHYSIQUE-PICTORIAL-MAGAZINE-NO/dp/B00281AD6K)



Ilustração George Quaintance, 1960  
*PHYSIQUE PICTORIAL MAGAZINE, VOLUME 9 NO. 3*  
<https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/616hnDEvo0L.jpg>

*Tom of Filand* publicou seus desenhos em uma revista americana de estudos anatômicos — única forma de consumo liberado de imagens homoeróticas—, criando-se assim o pseudônimo Tom. Foi a partir daí que se tornou um grande precursor da sexualidade gay. Chocou e quebrou padrões conservadores impostos na época, sua arte busca um realismo, que são marcados pelo exagero anatômico dos corpos e genitais ali representados, de forma explícita. A iluminação muito bem trabalhada em seus trabalhos marcou um estilo único, na qual trouxe um reconhecimento importante ao ilustrador.

Assim, o sexo gay se manteve presente na sociedade desde os primórdios e de fato é fácil perceber que a postura hedonista parece mesmo estar em todos os meios, principalmente nas mídias, observamos diariamente a exibição da sensualidade feminina. Enquanto o nu feminino — desde que caiba em um padrão imposto — é aplaudido e consumido pela sociedade, a visão de um homem pelado pode incomodar muita gente.

É preciso quebrar esse paradigma sobre o corpo masculino, sobre a sensualidade masculina. A arte *queer* não é uma novidade, mas ainda sim um tabu na sociedade atual e levanta muitos debates, principalmente no Brasil, já censurada em exposição<sup>4</sup> em torno de tal temática.

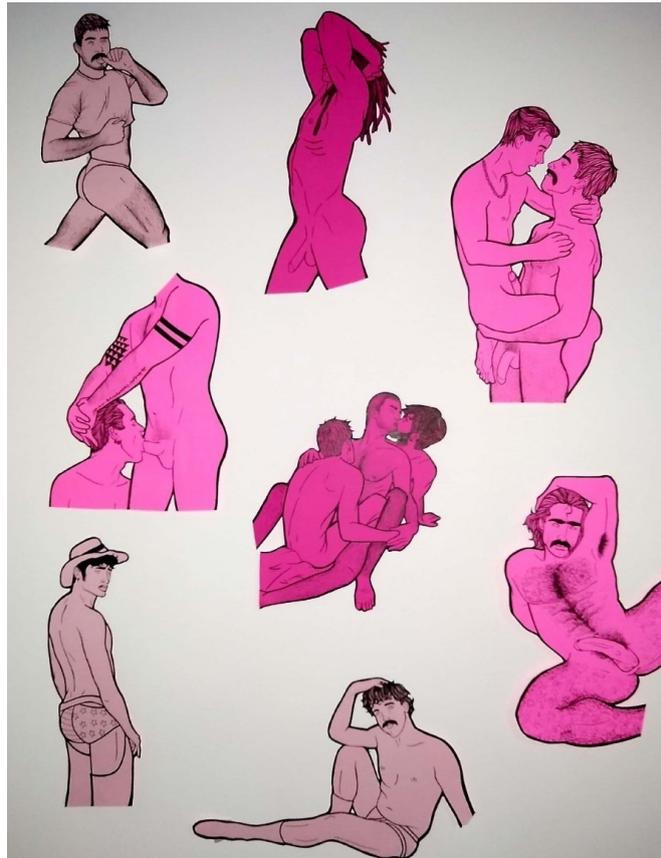
Foi a partir de alguns questionamentos levantados que busquei inspiração em artistas que seguem a temática, até me apropriando de elementos da cultura pop, desde cinema, videoclipes, fotografias eróticas a pinturas clássicas. Em meus desenhos fica evidente a liberdade pelo prazer de forma explícita sem nenhum tabu, meu objetivo é abordar a sensualidade latente, mas também construir narrativas em torno do erótico, um traço típico da contestadora arte queer.



*Tom of Finland, sem título, 1973 © 1973-2020 Fundação Tom of Finland, Coleção*

*Tangerman fonte //www.artatberlin.com/en/exhibition-tom-of-finland-gallery-judin-eitgenoessische-kunst-in-berlin-contemporary-art-exhibitions-berlin-galleries-art-at-berlin/*

<sup>4</sup> Como aconteceu na cidade de Porto Alegre, na exposição Cartografias da diferença na arte brasileira. Queer Museu, 2017.



*Sem título, 2017, nanquim sobre papel rosa  
imagens acervo pessoal*

## 1.2 - Semi(NU) Olhar fotográfico sobre o corpo masculino

Durante meu percurso no ateliê de fotografia me propus a investigar a construção da imagem do corpo masculino. Segundo a pesquisadora Debora Ferreira (2020), a fotografia de nu masculino surgiu com um contexto artístico apenas na última década do século XIX. Segundo Filipe Chagas (2020), o fotógrafo aristocrata Barão Wilhelm Von Gloeden (1856-1931), se mudou para a Itália, e por lá iniciou seu trabalho de fotografia reproduzindo imagens bucólicas com forte semelhança nas poses e detalhes das estátuas gregas, retratando jovens homens locais quase sempre nus, ao ar livre, com detalhes arquitetônicos da região e cenários elaborados com folhas, frutas e outros pequenos objetos.<sup>5</sup> Provavelmente, essas imagens de nu masculino foram as primeiras que não vinham com a função científica ou como estudo para pintura, mas com um próprio fim

<sup>5</sup> CHAGAS, Filipe. Falo de história: Wilhelm von Gloeden. In.: *Falo Magazine*, ed. 13, 2020. Disponível em: <https://issuu.com/falonart/docs/falo13/s/10768763>

artístico. O seu trabalho trazia uma grande força erótica e homossexual. As fotografias conseguiram um mercado de arte no século XX, e as obras do Von Gloeden ganham uma importância como uma das principais referências na fotografia erótica masculina, mais especificamente ao nu. CHAGAS (2020) comenta que apesar de sua popularidade, essas produções e vendas ficavam muitas vezes escondidas por receberem perseguições e críticas de uma sociedade que ainda não vê com bons olhos a homossexualidade.

Outro artista que desperta um olhar sobre o corpo masculino mas trazendo pra narrativas de fantasias eróticas é Bob Mizer (1922-1992). Na publicação de 2015, *The International Encyclopedia of Human Sexuality*, Dennis Bell (2015) conta um pouco da história de Mizer: No princípio, Mizer fotografava homens como fisiculturistas ou em duplas que simulavam estar lutando. Frequentemente, as imagens mostravam os genitais e eram claramente homoeróticas. Acredita-se que por seu estúdio tenham passado mais de 10 mil modelos masculinos, a quem também imortalizou em milhares de curtas-metragens.<sup>6</sup>



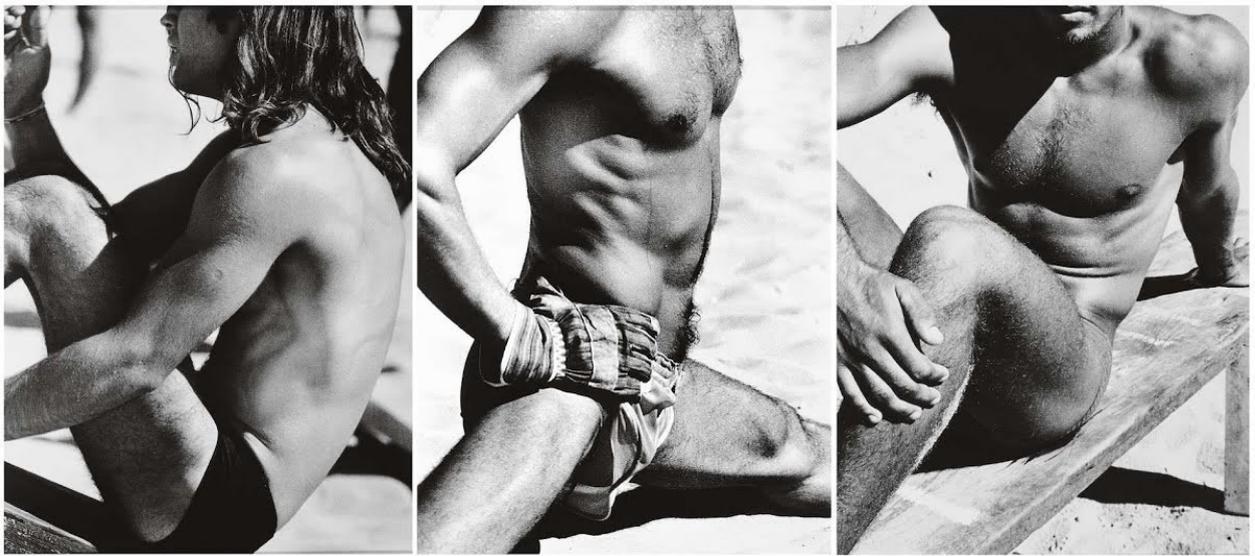
---

<sup>6</sup> BELL, Dennis. *The International Encyclopedia of Human Sexuality*, 2015.



*Terry Hayes( helmet), 1974 , Los Angeles Bob Mizer , acervo : Bob Mizer Foundation*

O olhar sobre o corpo masculino também pode ser observado pelas lentes de Alair Gomes (1921-1992) artista brasileiro que sempre me chamou a atenção. O olhar voyeur é mais latente, na qual o fotógrafo captura ângulos de homens que frequentavam as praias cariocas para fazerem exercícios físicos, destacando os músculos e a sinuosidade do corpo masculino, e traz consigo o surgimento da cultura homoerótica para a fotografia no país. Grande parte do seu trabalho fotográfico foi realizado discretamente, sem o consentimento do retratado, feitas da janela do seu apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro. Esse trabalho resultou em mais de 170 mil negativos com imagens voyeurs, abordando corpos masculinos, sobre uma narrativa homoerótica.



ALAIR GOMES, *Beach Triptych n 25, 1985*  
Museo de Arte Moderna de São Paulo

O conjunto acima merece destaque, são os Trípticos de Praia. Neste trabalho, há uma maior preocupação em relação à composição e à harmonia entre as fotos, já que a atenção do espectador se detém por mais tempo em cada uma delas. Como diz Abel Oliveira,

Na Grécia Clássica, o nu era visto sob uma ótica apolínea e heróica, e representava sempre os corpos dos deuses gregos, com toda a sua perfeição não-humana. Destas imagens, foi se constituindo e se reforçando não só um modelo estético a ser seguido, mas também o conceito de uma masculinidade limitada à força, ao trabalho, que ia contra a noção de sensual e delicado, recluso ao feminino.<sup>7</sup>

A admiração pelo nu masculino sempre existiu, porém, vinculada mais à funcionalidade do corpo em suas formas anatômicas de estudo, exploradas por escultores e pintores. O nu feminino é mais naturalizado — desde que caiba em um padrão consumido pela sociedade — ainda existe um desconforto relacionado ao nu masculino. Seguindo esse pensamento, Oliveira fala ainda:

Indo contra um pensamento comum, Foucault não concorda que o controle da população tenha sido instaurado por meio de uma tática repressiva ou pelo silenciamento de vozes, muito pelo contrário, o autor argumenta que foi em razão da produção excessiva de discursos — entre os quais, o científico e o artístico tiveram grande força — que se produziu verdades que atribuíram ao sexo a explicação de diversas esferas político-sociais e econômicas.<sup>8</sup>

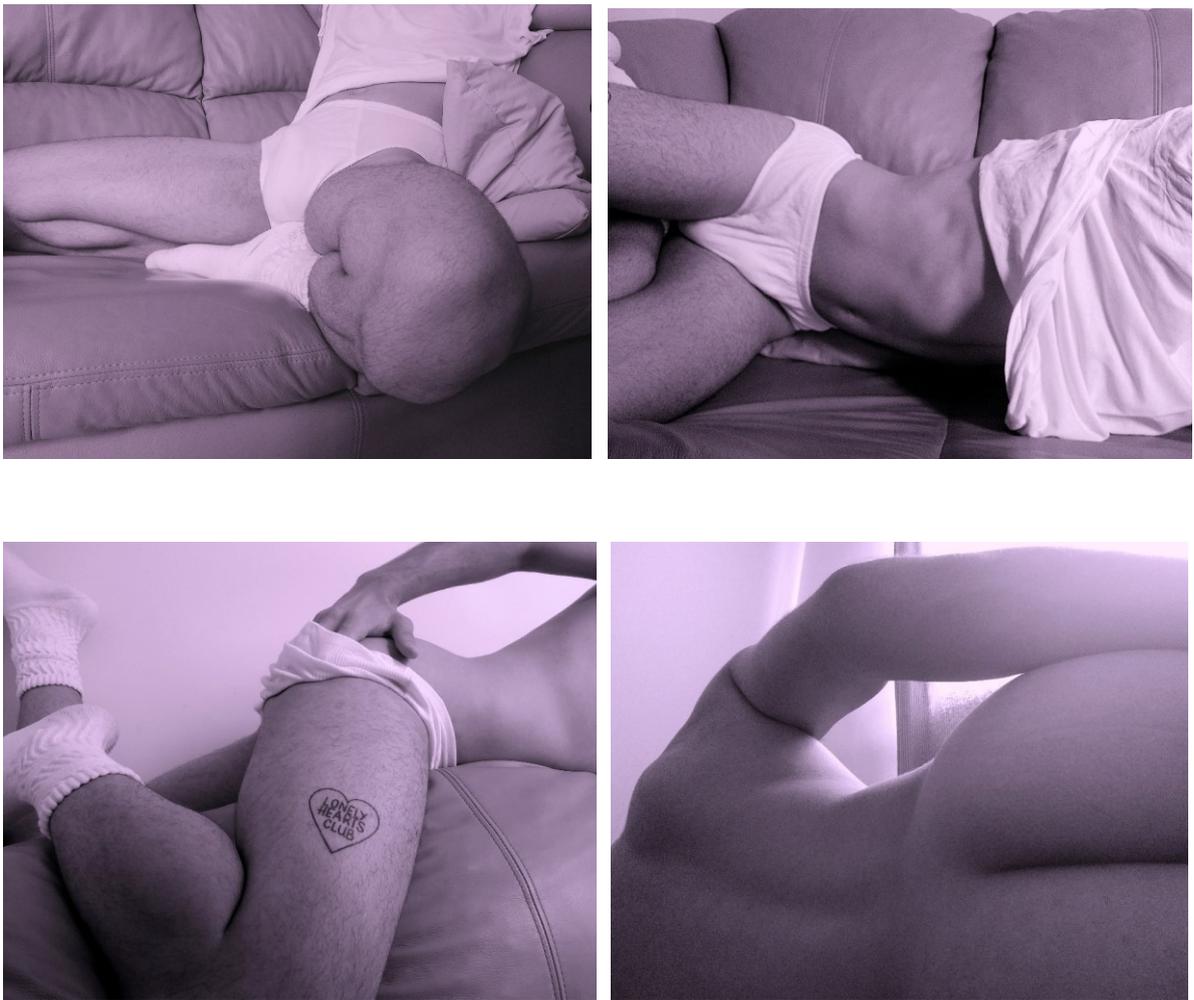
A partir dos estudos durante esse período no ateliê de fotografia, e as reflexões sobre a trajetória da fotografia homoerótica na arte, surgiu o projeto PURDÉSIR, um

conjunto seriado composto por quatro poses na dimensão 15x21 que tem a intenção um olhar intimista, de despir um corpo masculino com a sensualidade presente, mas em segundo plano.

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Abel. *As representações artísticas do nu masculino. Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia.*

<sup>8</sup> Idem, pag. 10.



Waldo Ferreira, *POURDÉSIR*, 2017  
fotografia sobre papel, 15x21cm

### 1.3 – O corpo masculino em imagens impressas

O que é um dildo: um objeto, um órgão, um fetiche...? Devemos considerar o dildo como uma paródia irônica ou como uma imitação grosseira do pênis? “(...) Por acaso o dildo é o sintoma de uma construção falocêntrica do sexo? O que dizer então dos dildos que não são “fálicos” (os que têm a forma de porco, de borboleta ou de sereia, ou que simplesmente não são figurativos)?” (PRECIADO, 2014, p. 71)

Durante o percurso acadêmico sempre estive imerso no universo das imagens, seja na fotografia ou na gravura, as minhas investigações sobre esse universo homoerótico me levaram

em busca de desdobramentos que foram surgindo, que virariam a contribuir para a construção dessas imagens que viriam a ser introduzidas na exposição para o Trabalho de Conclusão de Curso.

O termo falo (do grego phallós, através do latim phallus)<sup>9</sup>, é empregado de forma genérica para remeter à simbologia dada às representações da imagem de um pênis ereto. O falo era adorado pelos povos antigos como um símbolo da fecundidade/fertilidade. Este signo do poder é um tema bastante recorrente tanto dentro da religião quanto na psicanálise. O falo, também, pode se referir, simplesmente, ao órgão sexual em si.

Segundo Preciado (2014) os povos antigos possuíam monumentos de evidente simbolismo místico e religioso, antigas representações de masculinidade. Com o passar dos tempos a imagem do falo começou a apresentar-se desproporcionalmente grande, revelando-se como objeto de veneração. É interessante observar que em tais culturas inicialmente o pênis era utilizado como um amuleto na tentativa de proteger o seu portador que materializavam sua convicção religiosa a partir da confecção de um cordão que o cultuam para se utilizar no pescoço e afugentar os maus espíritos ou qualquer outra praga decorrente de algum infortúnio ou encantamento. Assim o poder não estava num simples objeto ereto, mas em um falo (pênis) consagrado para uma específica e determinada finalidade.

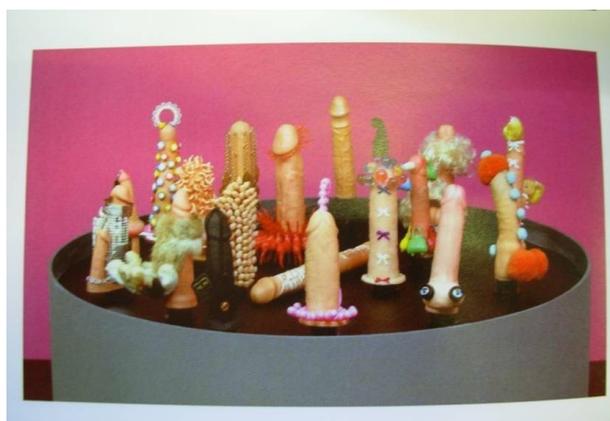
Atualmente muitos grupos entendem o culto ao “falo” e o relacionam a algo ligado ao erótico, promíscuo, demoníaco, exótico. Vale lembrar que o culto do falo se reacendeu só no século XX, com o desenvolvimento de novas formas de expressão artística, como a fotografia, o cinema e a tecnologia, o nu masculino foi assumido.

As provocações das vanguardas artísticas modernas levaram à ruptura de alguns padrões clássicos da arte. O pênis passou a ser representado com uma fortíssima carga erótica, por vezes agressiva, chocante, “beirando” o pornográfico. Cada civilização, cada época, cada artista representou o pênis segundo os seus conceitos. Nos dias atuais, na era da informação e da globalização, o culto do pênis persiste. Invoca sobretudo conceitos de raça, de homossexualidade, de masculinidade. Existem variadas contracorrentes, o pênis continua, talvez até mais do que nunca, a simbolizar a condição masculina e a masculinidade.

---

<sup>9</sup> Dicionário Online de Português, acesso em 22/05/2021.

Com a técnica de linoleogravura criei carimbos, de silhuetas de plugs anais,dildos, na qual criei um imaginativo sobre quais são os objetos ali representados, que diante a aproximação das imagens leva a uma leitura fálica seja específica ou distorcida. Um das minhas principais inspirações foram as obras de Márcia Pinheiro, também conhecida como Márcia X<sup>10</sup>,as quais coloco abaixo para exibição:



*Marcia X, 1992-2004 , sem título, Série  
Fábrica Fallus*

Seguindo minhas investigações sobre gravura, tive a oportunidade de experimentar a técnica de serigrafia<sup>11</sup>, na qual tive muita afinidade, durante minhas produções nessa linguagem já surgiram ideias para a construção do projeto que viria a ser exposto como apresentação final para conclusão do curso de Artes Visuais, a técnica de serigrafia poderia me proporcionar uma tiragem de imagens em grande escala, na qual a fotografia e desenho poderia me trazer criação

---

<sup>10</sup>“ Fábrica-fallus (1993-2005) é o título da série onde Márcia X. utiliza pênis de plástico - sempre vigorosos e eretos, comprados em *sex shops* e acoplados a toda sorte de enfeites femininos e de apetrechos infantis e religiosos. O título original da série era “Penys Lane”, nome bem-humorado, característico das sátiras exploradas pela artista em seus trabalhos. As engenhocas sexuais são modificadas por Márcia X., pela junção de diversos materiais: pompons, espelhos, medalhas, correntes, rendas, etc. Os vibradores utilizados em alguns exemplares, não eram estáticos, rodopiando e movimentando-se, ao mesmo tempo em que se chocavam entre si. Uma série feita ao longo de diversos anos, que resultou em inúmeras peças, algumas dotadas de movimento e som, possibilitando interação com o público: alguns assobiam para quem passar em sua frente, outros se assemelham aos brinquedos infantis, num apelo a um jogo lúdico, inocente ou não; há outros que sugerem expressões sexuais extravagantes, lembrando rituais sadomasoquistas.” Tvardovskas, Luana S. Disponível em: [Na transversal \(labrys.net.br\)](http://Na transversal (labrys.net.br))

<sup>11</sup> A serigrafia é uma técnica de impressão que conta com a aplicação de estêncil em uma tela de seda ou poliéster.

Nesse processo, a tinta é pressionada e, assim, vazada para o substrato dela. Assim ela é impressa quantas vezes quiser.

dessa matriz para as imagens finais expostas. Como exemplo, coloco aqui uma obra de Andy Warhol, intitulada Querelle<sup>12</sup>:



*Andy Warhol, 1982 Dimensão: 27.5"x 39.25" Cartaz de Querelle filme de Fassbinder, serigrafia em papel*

<sup>12</sup> “Em 1982, Warhol foi contratado pelo cineasta alemão Rainer Fassbinder para desenhar um pôster para sua adaptação do romance clássico de Jean Genet, 'Querelle'. A história da jornada de um marinheiro ao submundo sexual de um porto francês atraiu a sensibilidade cinematográfica de Warhol e poderia facilmente ter sido uma de suas próprias produções (ele começou a fazer filmes na década de 1960). Este projeto é baseado em uma fotografia de Warhol de dois jovens com ombros nus. É característico de seu trabalho na década de 1980, incorporando elementos tanto de desenho à mão como de serigrafia fotográfica. Ele foca a atenção na língua sugestivamente lambendo salpicando-a com um vermelho vibrante.” Tradução automática, disponível em: <https://www.nationalgalleries.org/art-and-artists/93253/querelle>



*F(a)LOS, 2017, Dimensão: 30 x 15 , Linoleogravura sobre papel rosa neon*



*Sem título, dimensão: 210x297, 2019 , serigrafia sobre papel*

## 2. Imagens e Imaginários : Erotismo, Pornografia e Obscenidade

A imagem erótica, pode fazer parte diariamente na vida das pessoas. Elas têm o poder de construir imaginários, comportamento, estereótipos e ao mesmo tempo criar debate em torno da mesma. Da mesma forma, a homossexualidade sempre esteve presente, mas mesmo assim continua sendo algo tido como impróprio e vulgar. Seja o afeto entre os corpos ou desejo, são jogados e tidos na sociedade heteronormativa como algo impróprio e deve ser escondido de todos. Para criar este trabalho mergulhei em filmes, documentários, e estudei sobre alguns espaços e produções, para que pudesse encontrar uma maneira de transformar minhas ideias e pensamentos em um material possível de ser exposto, compreendendo suas referências e subjetividades dentro do contexto acadêmico.

Dessa maneira, pensamos no surgimento da pornografia como o burlar da regra social:

Embora seja difícil datar o início das atividades pornográficas, cujas práticas existem desde tempos remotos, sabe-se que ela tomou força na década de 60 quando, através do “movimento hippie”, novos conceitos começaram a ser discutidos, como o direito irrestrito ao prazer, a liberação sexual da mulher através da pílula anticoncepcional e a produção, em larga escala, de revistas pornográficas (SALES et al., 1988 apud CANO, FERRIANI e GOMES, 2000).

Com avanço da tecnologia e chegada do home vídeo no final da década de 70 se inicia uma legalização da pornografia enquanto negócio, estabelecendo na que veio tornar-se conhecida como indústria de filmes pornôs. Com a descriminalização desses produtos, surgiram vários debates em que a sociedade tinha a tolerância da circulação de imagens obscenas. Abreu diz:

A pornografia e o erotismo transitam sempre em terreno marcado pelas contradições, um território não determinado, uma fronteira entre situações opostas, a tensão entre polaridades. Ao se instalarem, o fazem sempre como uma transgressão das interdições que também são por sua vez parte de um conjunto de contradições. (N.C.Abreu, 1996, op. cit., p11)

A pornografia se popularizou no mundo e veio a ser conhecida pelas siglas XXX, como consequência da classificação atribuída ao conteúdo aos filmes, revistas com conteúdos

explícitos. O termo “pornografia” vem do grego *pornographos* (*porne*, “prostitutas”; *graphos*, escritos), que significa literalmente “escrito sobre prostitutas”, referência à vida, aos costumes e hábito das prostitutas. Já o dicionário de língua portuguesa *Aurélio* (2019) conceitua, respectivamente, o termo como “arte ou literatura obscena, tratado acerca da prostituição, coleção de pinturas ou gravuras obscenas, caráter obsceno de uma publicação, devassidão”; como figura, fotografia, filme, espetáculo, obra literária ou de arte que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo”.

Concomitantemente à popularização do videocassete nos anos 1980, a pornografia diversificava-se no ramo impresso (revistas de nudez e sexo explícito, livros de relatos eróticos, HQs eróticas) (GERACE . W, 2015, p.200). Para Baltar,

[...] o que essa facilidade e agilidade anunciaram foi uma outra esfera de domesticidade para a captação e consumo das imagens, sobretudo a partir das tecnologias de vídeo e digital. Um contexto catalisado pela reconfiguração do próprio conceito de intimidade e seu lugar produtivo no processo de subjetivação. (BALTAR, 2014)

A autora fala também sobre como essa facilidade não é só para o consumo, mas também para a criação. Falando sobre o pornô amador, Baltar traz o raciocínio de como essas imagens são trabalhadas:

O comportamento da câmera e do som será marcante e marcadamente reconhecido, conectando-se como uma estética que se equilibra entre o documentário moderno e os home videos, em uma articulação que recupera mecanismos de participação, confissão e vigilância: “os mecanismos de participação, confissão e vigilância são não apenas mutuamente relacionados, mas simultaneamente atrelados à promessa de ‘realidade’ que serve como um arco catalisador” (DOORN, 2010, p.416)

Pensando nessa perspectiva, é possível citar também o filme de James Bidgood, *Pink Narcissus*. Uma grande referência dentro do cinema, principalmente quando falamos de um cinema experimental, esta produção coloca Bidgood em um circuito de diretores como Andy Warhol, Derek Jarman e Kenneth Anger. Para Lucas Montero<sup>13</sup>,

---

<sup>13</sup> MONTEIRO, Luis. A experiência estética em *Pink Narcissus*. 2017. Disponível em: <https://medium.com/cinecr%C3%ADtica/little-stop-7449e0807da9>

tudo isto devido a forte carga homoerótica utilizada na construção de seus elementos cenográficos que majoritariamente dão destaque ao corpo e ao figurino através de uma sensibilidade de extrema extravagância, projetados às telas através do ator Bobby Kendall, sendo introduzidos e fortemente agregados elementos da “pulp and glamour” hollywoodiana sob uma perspectiva estética extremamente kitsch; combinação que influenciou diversos artistas do campo das artes visuais, como os irmãos Pierre et Gilles — famosa dupla de fotógrafos franceses — , e o norte-americano David LaChapelle, conhecido por ter dirigido diversos videoclipes de música pop e por suas fotografias surrealistas.

O filme busca trazer uma nova perspectiva sobre o imaginativo do personagem a sua imersão fantasiosa do desejo humano sob a masculinidade eróticas de corpos fantasiados de: gladiadores romanos, gregos, dominadores, cowboy e diversos arquétipos que foram apropriados pela cultura LGBTQ+, que conduz o espectador numa imersiva narrativa visual.



*Print screen , Pink Narcissus (1971) - James Bidgood*

Com a disposição destes materiais e novas tecnologias, o universo cinematográfico e da imagem pornô remodelaram novos debates e olhares sobre comportamentos morais e sociais das décadas de 1970 e 1980. Com o surgimento da epidemia de Aids, principalmente nos Estados Unidos, governantes de direita, utilizava discursos reacionários, que enfatizavam preconceitos contra identidades sexuais tidas como imorais diante a sociedade cis heteronormativa. A crise que a doença trazia, aliada à falta de informação precisa, afetava não só a área da saúde, mas também o campo político e social, que promovia reflexões e estigmas sobre o comportamento sexual e suas representações. Além das propagandas explícitas que procuravam a homossexualidade e suas representações visuais, no início dos anos 1990. (GERACE. W, 2015 p. 2001)

## 2.2 Stonewall, o underground acolhendo a liberdade de expressão

Mundialmente conhecido, um dos acontecimentos mais importantes para a luta de direitos LGBTQ+ aconteceu em Nova York, em um bar conhecido como Stonewall Inn. Com resultados que perduram até os dias de hoje, representa o levantar dessas minorias em busca de uma vida mais justa. Na madrugada do dia 18 de junho de 1969 os frequentadores do bar tiveram um confronto com a policial local, dando o pontapé necessário para o movimento.

Pensando não só na importância do movimento, mas também no espaço físico, quero colocar aqui um olhar sobre esses locais onde a comunidade LGBTQ+ se sente acolhida. Se tratando de uma minoria na sociedade, locais onde o sentimento de segurança existe são fundamentais. Pensando na obra de Judith Butler, o historiador Olávio Neto aborda os espaços acolhedores falando sobre o seriado *Pose* (2018), Neto diz

A representação que isso tem para esses sujeitos envolve, então, uma perspectiva de família que, inconscientemente, acaba por reforçar a hierarquia patriarcal de poder, já que existe alguém no controle dessa organização.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> NETO, Olávio. *Queerness em tela: representações da performatividade LGBTQ+ no audiovisual a partir do seriado Pose (2018)*. Dissertação defendida pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2020, pag. 68.

De acordo com NETO (2020), sem esses espaços, vemos então como a marginalização desses sujeitos acontece, uma vez que os discursos de gênero geram conflitos diretos com a sociabilidade dessas pessoas, causando estranhamentos diretos em suas relações interpessoais.<sup>15</sup>

*Pose* retrata a cena *ballroom* de Nova York nos anos 1980, mais de uma década depois de Stonewall, então a questão desses espaços é vista em como a comunidade LGBTQ+ desse local se organizava.



Marcha P. Johnson e Sylvia Rivera figuras importantes em Stonewall (*Reprodução*).

Fonte: <https://i1.wp.com/istorica.it/wp-content/uploads/2020/06/marsha-e-sylvia.jpg?fit=1568%2C882&ssl=1>

Todavia, essa característica acolhedora não é vista somente fora do Brasil. A comunidade LGBTQ+ brasileira também construiu seus locais de segurança e diversão, onde pudessem encontrar o apoio que não lhes eram dados pela família. No documentário de 2013, “São Paulo em Hi-fi”, dirigido por Luffe Steffen podemos ter uma boa noção de como esses sujeitos se organizavam na maior cidade brasileira.

Abordando a cena LGBTQ+ noturna da cidade, Steffen (2013) nos traz imagens e entrevistas com personalidades locais da época, para contar a história que muitos podem não conhecer. Andrea Ormond faz uma análise breve, mas certa da obra. Em seu trabalho Ormond destaca a importância do documentário e de como ele representa, de certa forma, uma

---

<sup>15</sup> Idem.

vanguarda na vida noturna brasileira e uma importante recordação para a comunidade LGBTQ+. Conectando o periférico ao mainstream, Ormond escreve:

Tenho 38 anos de vida, pesquisadora, diferente, e não sabia, até hoje, que a Val Improvisada citada na música de Cazuza, “Só as Mães São Felizes”, era a casa noturna que ficava na Rua Frederico Steidel, 127. A verdade é que o espectador aprende pra chuchu com *São Paulo em Hi Fi*. E, em última instância, não podemos exigir de um jovem diretor, pleno de tesão e boa vontade, dialéticas profundas e acachapantes reflexões. Luffe não poderia imprensar a turma na parede e exigir que dissessem verdades sofridas. *São Paulo em Hi Fi* é um lugar onde aquelas boates e pessoas puderam novamente ser livres, embora essa liberdade continue sendo posta em xeque.<sup>16</sup>

Com tudo isso em mente, ficou ainda mais claro para mim a necessidade de trabalhar junto com essas ideias. Foi pensando nelas que minha exibição foi construída, e é sobre isso que tratarei no capítulo seguinte, buscando discorrer sobre essa experiência em sua parte teórica e prática.

---

<sup>16</sup> ORMOND, Andrea. Banal e verdadeiro. Setembro, 2016. Disponível em: [Cinética | São Paulo em Hi-Fi, de Lufe Steffen \(Brasil, 2013\) \(revistacinetica.com.br\)](http://revistacinetica.com.br)

### 3 Instalação: PWRBIXA - CORPOS ERÓTICOS

#### 3.1 – O espaço e seu diálogo com os sujeitos

Quando iniciei o projeto sempre pensei na possibilidade de criar uma experiência de imersão ao universo noturno, cena que por muito tempo abrigou uma comunidade LGBTQ+ que tinha forças apenas para existir e resistir à força opressão do preconceito. Sabemos que muitas coisas mudaram, porém, tais ambientes noturnos como boates, bares e saunas continuam sendo um lugar de acolhimento para a comunidade, seja para afeto, arte, performance, sexo ou apenas uma bebida, esses espaços continuam alimentando uma sensação de liberdade tão necessária. “O espaço e o tempo são, para Kant, formas de sentir, que estruturam as percepções ou intuições, matéria-prima do conhecimento, e que dão origem à experiência sensível” (NUNES, B., 2005, p. 47).

A linguagem da instalação nos dá muitas possibilidades de produzir tais sensações, uma vez que as imagens e o espaço são pensados para transmitir ao outro a ideia de que ele também pode se encontrar e se expressar. Uma das muitas inspirações para meu trabalho, agora pensando em características físicas e para exibição, foi a exposição *HOMO RIOT*. O artista foi convidado a criar um mural próximo à casa do próprio *Tom of Finland* e conta:

Tive uma experiência incrível e positiva neste fim de semana com os homens da Fundação Tom da Finlândia. Pediram-me para criar uma peça de trabalho para morar ao lado da casa de Tom no Echo Park. A peça é um mural 40 'X 10' aplicado à estrutura que abriga algumas das obras lendárias de Tom da Finlândia, bem como de inúmeros outros artistas gays. Alguns desses artistas tinham um certo nível de notoriedade, mas muitos eram simplesmente homens criativos que sentiram o impulso e o desejo de dar vida a trabalhos artísticos que glorificavam a forma masculina e uma visão positiva do sexo masculino. (*HOMO RIOT*, 2016)



*Mural Homo Riot, sem título, 2016 - Echo Park*

*[encurtador.com.br/bnC36](http://encurtador.com.br/bnC36)*

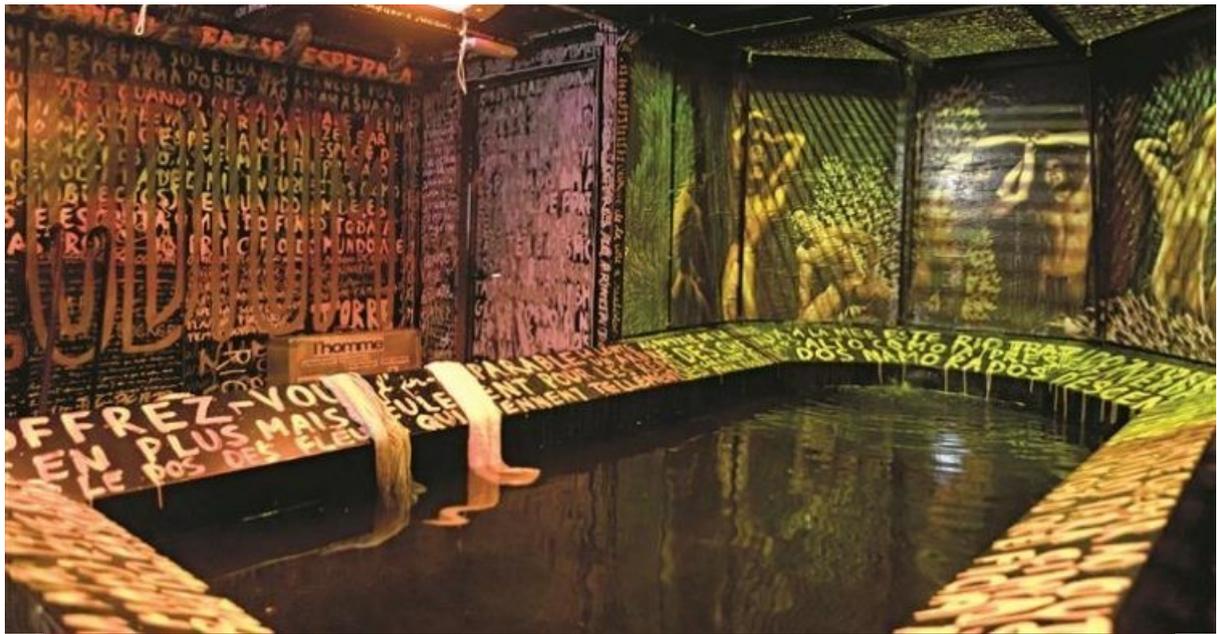
É importante que o observador se torne parte daquele ambiente, se abrindo a sentir o que não poderia em outros lugares onde a heteronormatividade constrói e domina um modo de vida tradicional. Em artigo de 1998<sup>17</sup>, Judith Butler discutiu as categorias criadas por essa comunidade; colocando em ponto a principal característica desse processo, Butler argumenta que ao mesmo tempo em que inclui, ela também é excludente – ou seja, ao tentar normalizar o corpo, esses espaços também podem ditar regras a serem seguidas, e isso é fundamental para o pensamento do que a exposição deveria ser: um lugar onde não existem regras para como seu

---

<sup>17</sup> BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. In.: cadernos pagu (11) 1998; pp.11-42.

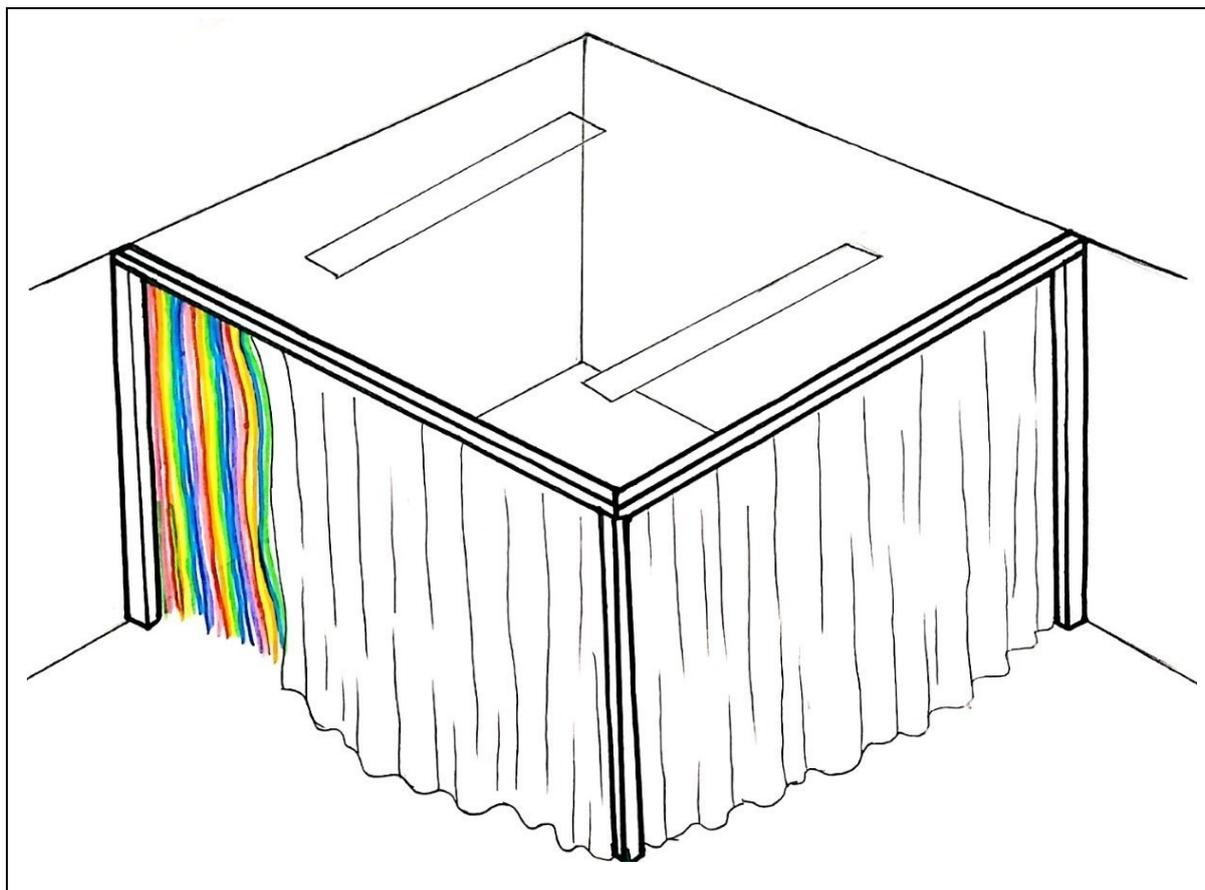
corpo deve ser. Tudo isso se soma às próprias experiências de um indivíduo, onde o resultado final é exclusivo para cada um; a exposição deve ser capaz de transmitir sensações únicas, assim como inéditas, visto que o público alvo é justamente pessoas fora da comunidade LGBTQ+.

Outras inspirações que tive para a exposição foram João Pedro Vale e Nunu Alexandre. Nas imagens abaixo podemos reparar em muito do que me chamou a atenção enquanto pensava minha exposição; o cenário fechado, com imagens eróticas masculinas, cercados de dizerem e de uma iluminação que, mesmo deixando tudo visível, ainda assim podemos perceber as tonalidades em neon e como a sensação de estar não só preso, mas participante desse ambiente.



*João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira, Loving as the Roda Begins, 2019.  
Fotografias: Bruno Lopes: Fundação EDP*

### 3.2 – Montando PWR BIXA



*Croqui do projeto de instalação, aprovado no TCCI*

Pensar a instalação foi importante para estabelecer signos e narrativas remetendo ambiente noturno de clubes e bares, criando um conjunto imagens que seriam ali expostas. Para a produção das imagens que compõem o espaço fiz um cronograma para seleção a partir de um banco de imagens que eu já possuía acesso anteriormente; procurei representar corpos plurais, pensando não só na sexualidade, mas também no afeto e no desejo.

Tendo escolhido todas essas imagens, iniciei o processo de serigráfico; gravar as telas não foi um processo difícil, eu já estava familiarizado com toda a estrutura e movimentação do material de trabalho. Para o papel escolhido, tive uma experiência interessante de investigação, pude fazer teste em diversas gramaturas e tonalidades de cor rosa com gramatura de 180 a 270 g. Ao final dos testes o papel 170g neon pink Lumi (papel fluorescente) foi o que obteve melhor resultado sobre reflexo das luzes de UV, onde os papéis luminosos se destacavam no ambiente

fechado e se mostrou potente na proposta inicial, a estética noturna das casas noturnas das décadas de 70/80.

A estrutura se constituiu na construção de uma pequena sala, erguida por duas estruturas de madeira, as quais estavam cobertas por tecido, ocultando todo o interior, e também impedindo que a luz externa entre. Com o objetivo de trazer a textura ainda mais ao ambiente, seu piso foi sobreposto por um tapete rosa felpudo. Além desse aspecto, o material serviu também para demarcar o espaço da exposição, transmitindo desde o início as sensações desejadas para quem entrasse.



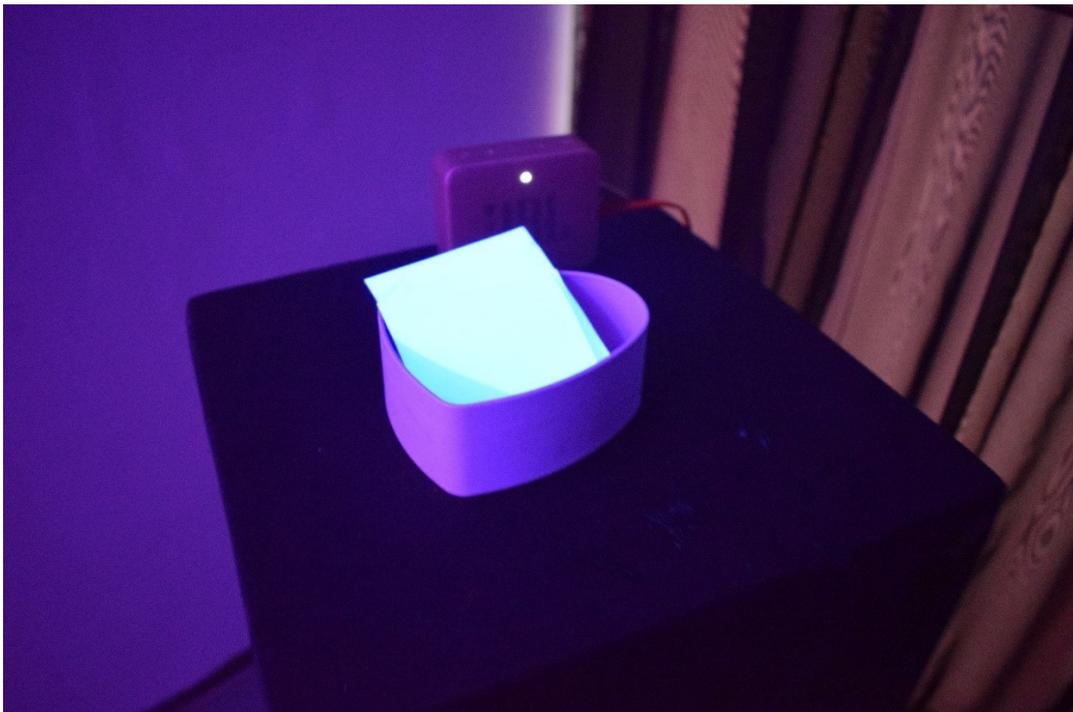


Na montagem da exposição as imagens serigráficas e os prints sobre o papel neon foram dispostos um ao lado do outro de forma aleatória, surgindo dos cantos das paredes laterais, se estendendo em um enorme mural, criando uma ilusão dos murais urbanos, popularmente

conhecidos como “lambes”. Durante a montagem, algumas imagens aleatórias receberam intervenções de canetas e marcadores neon, criando detalhes e texturas para algumas imagens.

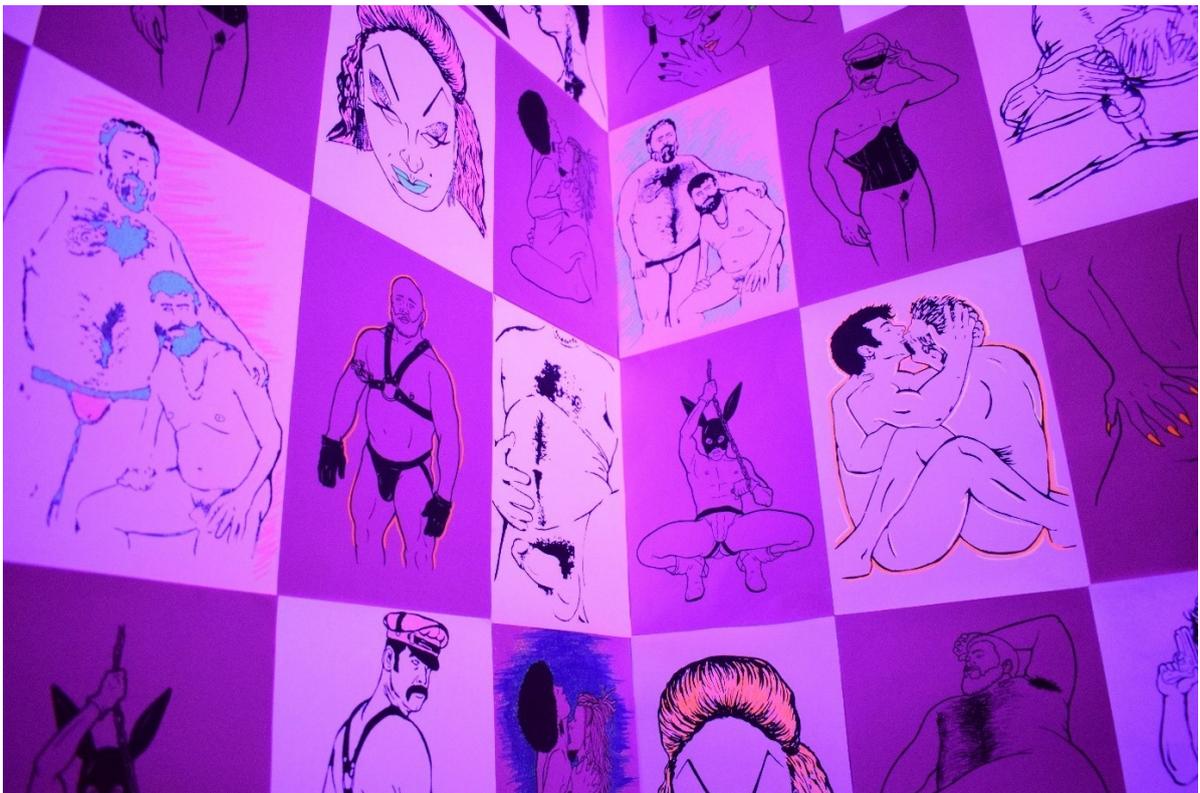


No meio da sala havia um pedestal preto disposto com uma lata em formato de coração com adesivos no mesmo formato, exibindo o nome do projeto, PWR BIXA; todos disponíveis para que os visitantes levassem consigo para casa.





Abertura ocorreu no dia 22 de Novembro de 2019 às 19:30 no Bloco 1I, Espaço Galeria na Universidade Federal de Uberlândia; a exposição ficou em exibição durante 7 dias.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de criação é algo muito individual, sempre fui influenciado pela cultura pop nos quadrinhos, filmes, séries, vídeos (na qual sempre fui fascinado pela linguagem simples e marcante). Assim que comecei a desenhar corpos masculinos que levantava questões em torno do sexo, pornografia e do erótico foi um passo para me questionar de onde e como nossa cultura nos faz consumir essas imagens e quais corpos estão inseridos nesse contexto, e quais campos a homo arte vem tomando novos rumos.

Os estudos acerca da representação do homoarte foi uma grande parte da minha pesquisa na graduação, onde pude explorar as diversas formas estéticas de como a arte homoerótica está inserida no contexto artístico e como tem sido representada por diversos artistas até os dias atuais. Enquanto artista de uma cidade do interior de Minas Gerais sinto que ainda há uma grande resistência sobre a temática que abordo em meus trabalhos, muitas pessoas ainda se chocam ou nem se interessam, por se sentirem deslocados das suas próprias práticas sexuais normativas. Muitas vezes pensei em não trabalhar com essa temática, por ser considerada uma arte menor ou perversa, diante outros debates na arte ou acadêmica, na área de pesquisa ainda sinto que o caminho é muito escasso para pesquisas em torno da arte homoerótica.

Durante o percurso de leitura para a pesquisa pude perceber que, historicamente, por mais que décadas e avanços tenham ocorrido, grande parte da sociedade atual ainda tem uma grande resistência (por ideais conservadores) a se deparar com a arte queer ou LGBTQ+. Os artistas sempre buscaram trazer à tona debates sobre o sexo/sexualidade através de suas obras como uma atitude política de resistência. Atualmente, então, não é mais incomum vermos obras desse tipo, já que a conscientização desses sujeitos como artistas está constantemente se mostrando visível.

A sociedade ainda possui uma estrutura não acolhedora para que haja determinados territórios onde tais corpos exerçam sua sexualidade, na maioria das vezes espaços escondidos e marginalizados, e somente lá pode haver afeto, liberdade de expressão e práticas sexuais tidas como subversivas pela sociedade heteronormativa. Diante a atual situação que passamos de pandemia, e do afastamento social, muitos desses espaços e casas noturnas estão ameaçadas a

fecharem as portas, repensar a questão de espaços acolhedores nessa nova era digital abre muitas possibilidades para as questões de território.

Acredito que ser um LGBTQ+ é ter plena consciência do espaço que meu corpo ocupa, de quais privilégios tenho e outro não tem, estamos longe de viver num vale tranquilo onde o afeto, e simples fato de andar livremente não nos é negado. Claro, dentro da comunidade existem vários recortes e problemáticas, cada sigla carrega consigo uma trajetória e não devemos nos ausentar dos debates sobre de corpos não cisgêneros, enquanto comunidade temos que nos posicionar, acolher e fortalecer, nunca nos esquecermos que tais vivências são fundamentais para que nos mantermos sobreviventes.

## BIBLIOGRAFIA

PRECIADO, Beatriz (Paul). Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

GERACE, Rodrigo . Cinema Explícito : Representações Cinematográficas do sexo.São Paulo: n -1 Edições, 2015.

BATAILLE , Georges. O erotismo: Ensaio.São Paulo : n- Edições, 2004.

ABREU, Nuno César. O Olhar Pornô: A Representação do Obsceno no Cinema e no Videos; Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GARCIA, Wilton. Homoerotismo & imagem no Brasil. São Paulo: Nojosa/ Fapesp, 2004

\_\_\_\_\_. A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício. Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. In.: cadernos pagu (11) 1998: pp.11-42.

ORMOND, Andrea. Banal e verdadeiro. Setembro, 2016. Disponível em: [Cinética | São Paulo em Hi-Fi, de Lufe Steffen \(Brasil, 2013\) \(revistacinetica.com.br\)](http://cinetica.com.br)

NETO, Olávio. *Queerness em tela: representações da performatividade LGBTQ+ no audiovisual a partir do seriado Pose (2018)*. Dissertação defendida pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2020

BALTAR, Mariana. Real sex, real lifes: excesso, desejo e as promessas do real. In.: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.3, set./dez. 2014.

MONTEIRO, Luis. A experiência estética em Pink Narcissus. 2017. Disponível em: <https://medium.com/cinecr%C3%ADtica/little-stop-7449e0807da9>

CHAGAS, Filipe. Falo de história: Wilhelm von Gloeden. In.: *Falo Magazine*, ed. 13, 2020. Disponível em: <https://issuu.com/falonart/docs/falo13/s/10768763>

BELL, Dennis. *The International Encyclopedia of Human Sexuality*, 2015.

OLIVEIRA, Abel. *As representações artísticas do nu masculino.Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia.*

[http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_027/artigos/pdf/Artigo\\_07.pdf](http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_027/artigos/pdf/Artigo_07.pdf)

SÃO Paulo em Hi-Fi. Dirigido por: Lufe Steffe. Produzido por: Edu Lima. São Paulo: Cigano Filmes, 2013. Cor/som.